

CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS
OU
CRÔNICAS MACHADIANAS?
(ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO PROBLEMA)*

Horácio Rolim de Freitas
USU/UERJ

O tema em estudo apresenta problemas que dizem respeito à Crítica Textual, motivo por que faremos uma breve introdução sobre o assunto.

O estudo da língua através de textos, suas explicações e interpretações requer conhecimentos vários, como História, Literatura e outras disciplinas auxiliares. Requer, portanto, *cultura*.

Na Antiguidade, os homens de erudição, amigos das letras, das obras, principalmente literárias, eram denominados *filólogos* e a ciência deste assunto *Filologia*, que significa, etimologicamente, “amor, culto à erudição”.

É, pois, a Filologia uma ciência histórica, trabalha com documentos e tem como processo permanente a crítica.

A par da Filologia surgiu a Lingüística, ciência puramente especulativa. O seu objeto formal é a língua em si mesma, a língua como fato social da linguagem. Historicamente a Filologia precedeu a Lingüística. Hoje, se compreende a Lingüística como o estudo das línguas *em todos os seus aspectos*, inclusive o filológico.

Na Antigüidade clássica já se encontra o interesse pela restauração de obras, explicação de textos, correções, comentários, questões gramaticais, glosários. Era o trabalho do *eruditus*, do *grammaticus*, do *filologus*. Aristófanes de Bizâncio, por exemplo, fez uma edição da obra de Homero e edições críticas dos líricos Alceu, Anacreonte e Píndaro, além de comédias de Aristófanes.

Foi do amor à poesia que nasceu a ciência filológica, como nos diz o Prof. Segismundo Spina.

Varrão, o grande gramático latino, ensinava que: “Grammatica officia constant in partibus quattuor, lectione, enarratione, emendatione, iudicio”.

* Palestra proferida no II Congresso Nacional de Filologia da UERJ

Outra denominação tem sido empregada para a publicação de documentos após a apuração do texto e comprovação de sua fidedignidade, fundamentada em método crítico: ECDÓTICA.

O termo *Ecdótica* no sentido de edição crítica de textos aparece na obra *Manuel de Philologie Classique*, 1.^a ed. 1879, de Salomon Reinach.

Foi pioneiro no Brasil, nos estudos de Ecdótica, o Prof. Emanuel Pereira Filho. Suas pesquisas sobre a lírica de Camões atestam rigor científico na investigação textual. Deixou teoria e método aplicáveis aos problemas de Ecdótica.

Em relação à técnica e à interpretação literárias, e aí nos situamos nos textos, grande contribuição devemos a Eugenio Coseriu que descreve a importância dos *entornos*: o ambiente, a situação o contexto físico. Por necessários, o autor deve criá-los através do contexto verbal, diz-nos Coseriu.

Esses elementos (situação, ambiente, contexto) já foram destacados por eminentes lingüistas, como: Pottier, Bally, Halliday.

Pottier explica que a *mensagem* não exprime apenas a intenção da comunicação. Há sempre uma parte *implícita*. Ensina que a mensagem traz *implícitos* o *contexto* e a *situação*. O texto, em geral, é cortado em pedaços e cada um depende do que o precedeu. Ao uni-los, temos o *contexto* e só através dele o texto se ilumina.

Não menos importante é a *situação* ou elementos *circunstanciais*, indicações marginais, como: o barulho, o lugar, o momento do dia e todos os dados já conhecidos pelo receptor.

Lembramos, aqui, exemplo dado por Pottier sobre a obra *A Peste*, do escritor Camus.

É preciso descobrir o valor *expressivo* do termo. Aproveitando o exemplo, podemos aplicá-lo no conceito de valores de que nos fala Coseriu.

A palavra *peste* designa *doença* – A peste levou dezenas de pessoas aos hospitais.

Em nossa língua a palavra *peste* pode apresentar a *significação* de *má*, *ruim* – Aquela mulher é uma peste.

Mas pode ter outro valor : o *sentido*, que pertence ao *saber expressivo* do qual trata a Lingüística Textual.

Assim, o título da obra de Camus, *A Peste*, só é detectado por quem a lê toda, unindo as partes que constituem o *contexto*. A palavra *peste* na obra de Camus tem o sentido de “o domínio do invasor”.

Este intróito objetiva propiciar um embasamento teórico ao estudo que vamos apresentar sobre crônicas de Machado de Assis.

Outras denominações existem para a investigação e interpretação de textos: Crítica Verbal, Textologia, Estemática, Variantística, Hermenêutica, Crítica Genética, como nos ensina um eminente filólogo e primoroso crítico textual: Professor Maximiano de Carvalho e Silva. Este mestre prefere a expressão *Crítica Textual*, que utilizamos no início desta exposição.

Crônicas machadianas

Dentre os inúmeros biógrafos e críticos de Machado de Assis destaca-se a figura de Raimundo Magalhães Júnior. Depois de Lúcia Miguel Pereira e outros que devassaram a vida e a obra de nosso maior estilista, parecia que nada ou quase nada poderia dizer-se sobre o grande escritor. Eis que, em 1954, publica Raimundo Magalhães Júnior a obra *Machado de Assis Desconhecido* pela Editora Civilização Brasileira, contendo a 1.^a edição 381 páginas, e a 3.^a (1957) 437 páginas.

A muitos tal título pareceu hiperbólico, pouco condicente com a verdade. Mas, após a leitura dos capítulos que o compõem, logo se verificou como o universo machadiano é tão grande quanto o horizonte.

Estudioso de nossa Literatura, crítico arguto, Raimundo Magalhães Júnior apresenta novas facetas da obra machadiana. Relendo-a, inúmeras dúvidas e indagações surgiram. Inicialmente, chamam-lhe a atenção duas frases que constam da crônica *Preleções Gramaticais*, editadas em 08/02/1861 (Vol. 1, pág. 209):

“Os negros de *tigres* com ferro ao pescoço.”

“Os *tigres* saem de todas as portas e a todas as horas.”

Pesquisando o emprego da palavra *tigre*, constata Raimundo Magalhães Júnior tratar-se de um tipo de *barril* ou *latão* carregado de fezes que os escravos conduziam na cabeça para lançá-las ao mar. Positivamente, a imagem que se nos afigura não pertence ao universo machadiano.

Em leitura atenta, outros termos afloram como atípicos nas crônicas de Machado de Assis, como é o caso de:

“De qualquer *imundície* faz-se aterro no campo de Sant’ Ana.”

“Prometer casamento a uma *menina* pobre e roer a corda...”

Não é do estilo de Machado de Assis o uso de termos vulgares, rasteiros, como nos explica Magalhães Júnior:

“Não condizem, em absoluto, com o feitio intelectual do escritor, com as preocupações de seu espírito e, sobretudo, com a discrição com que evitava certos assuntos”.

O emprego de *menina* por *moça*, repetidas vezes, pertence ao registro lusitano, não ao nosso. Por outro lado, palavras como: *imundície*, *porcaria*, a que Machado tinha ojeriza, também não fazem parte de seu léxico.

Ora, sabe-se que a escolha adequada dos vocábulos, dentre outras características, marca o estilo de um autor: estilo rico ou pobre.

Mestre no uso do adjetivo, do substantivo e, também, como Eça de Queirós, do advérbio, difícil é atribuir-lhe exemplos com aquelas palavras.

Estudando os fatos e a época em que foram escritas as crônicas, Raimundo Magalhães Júnior chega a conclusões de real importância para o conhecimento da obra machadiana, publicadas em *Machado de Assis Desconhecido* no capítulo intitulado *Crônicas que não são de Machado...* Trabalhando na *Semana Ilustrada*, Machado usava o pseudônimo de *Dr. Semana*. Explica-nos Raimundo Magalhães Júnior que esse pseudônimo servia a vários escritores daquela revista.

A Editora Jackson, que publicara a obra completa de Machado de Assis em 33 volumes, assim se justifica no Prefácio:

“Foram diversos os pseudônimos de Machado de Assis nas Crônicas. Na *Semana Ilustrada*, colaboraram várias penas. Reunimos nesta coleção as que, pelo estilo, nos *pareceram*, evidentemente, de Machado de Assis.” (o grifo é nosso)

Depreende-se daí que a seleção não se baseou em nenhuma pesquisa ou estudo crítico textual, mas apenas no que “parece”, é provável”, “deve ser”.

Na crônica já mencionada *Preleções Gramaticais*, de 1861, dessa edição da Jackson, Magalhães Júnior cita as passagens:

- “Diz o Dr. Semana que escreveu as regras de gramática a pedido de seu moleque para que por elas pudesse aprender a sua interessante *consorte*, que infelizmente ainda é um *poucoquinho* estúpida.”
- “Quanta *mulher feia* no Rio de Janeiro, quanto *militar poltrão*!”
- “Prometer casamento a uma *menina* pobre...”
- “Que *chapéus monstros* nas cabeças dos pretos.”

Explica-nos Raimundo Magalhães Júnior:

“aquelas expressões – *tão aporuguesadas* e tão estranhas ao seu vocabulário como ‘*poucoquinho*’, ‘*cidadoa*’, inaceitáveis mesmo quando as levássemos à conta de uma tentativa de gracejo.”

A preocupação constante com os negros, admissível num estrangeiro, não o é em Machado de Assis habituado a eles, e ele próprio um mulato.

Raimundo Magalhães Júnior exemplifica a crônica *Carrapatos Políticos* datada de 1862, de onde retira as seguintes passagens:

– “Velhos *desdentados*, *fedorentos* de rapé, *ramelosos* de um dos olhos.” (Vol. 1.º, pág. 215)

– “Um estadista que *escarra* pelos cantos, palita os dentes.”

A respeito diz-nos Magalhães Júnior: “Trata-se de um material ordinariamente estranho à linguagem e às preocupações de Machado de Assis”.

Em outra crônica, *Manifesto do Dr. Semana*, de 1863, destaca o crítico a seguinte passagem:

– “...que o ministro Christie em *asmáticos* acessos de melancolia diplomática enche as *escarradeiras* de seu bed-chamber”. (Vol. 1.º, pág. 234)

É reconhecida a repugnância de Machado de Assis por certos termos que empanam a pureza e a finura de estilo. Lembra Raimundo Magalhães Júnior que na crítica feita à obra de Eça de Queirós, *O Primo-Basilio*, censura o emprego da palavra *catarro*, por desnecessária, e diz lamentar que “Eça nos dê as cenas repugnantes do Paraíso”. Lembra, ainda, Magalhães Júnior que sobre essa palavra assim se expressou o nosso Machado de Assis:

“Ruim moléstia é o *catarro*, mas por que não de padecer dela os personagens do Sr. Eça de Queirós?”

Em sua pesquisa, Raimundo Magalhães Júnior constata que além das palavras já exemplificadas, a que Machado de Assis tinha aversão, outras jamais aparecem em seu universo lexical, como é o caso da interjeição *Chiton*, usada na crônica *Novidades da Semana*, de 1864, onde se faz uma crítica ao drama *A Punição*:

– “A imaginação do Dr. Semana aterra-se diante do quadro lúgubre dessas acepções cruéis e não tendo meio de oferecer alívio a tanta desgraça junta, toma o partido de fechar os olhos e de calar a boca. *Chiton!*” (Vol. 1.º, pág. 266)

Nota: A palavra *Chiton* significa “cale a boca”, “caluda” e provém do francês *chut donc* segundo o Dicionário de José Pedro Machado. MORAIS registra as formas: *chiton* e *chitão*.

Nessa pesquisa, levantando os fatos da época, Raimundo Magalhães Júnior conclui que na *Semana Ilustrada*, entre 1859 e 1867, principalmente, as crônicas assinadas *Dr. Semana*, não pertencem a Machado de Assis.

Havia, na mesma sala em que Machado trabalhava, outros colaboradores, como é o caso do português ERNESTO CYBRÃO que, também, se assinava Dr. Semana. Daí, as expressões lusitanas, a preocupação com os negros e o vocabulário incompatível com o de Machado de Assis.

Diz-nos Raimundo Magalhães Júnior: “Essas crônicas não têm nem de longe suas características de estilo, sua graça, leveza e finura de espírito. Não seriam antes de Cybrão que de Machado de Assis aquelas páginas? O estilo, as jocosidades, certos vocábulos de que Machado jamais se utilizou, denunciavam-lhe origens lisboetas ou portuenses. Cybrão tinha fumaças literárias, citava o seu francês, mantinha na *Semana Ilustrada* assídua colaboração em versos, sob o pseudônimo de Boileau-Mirim”.

Foi inevitável. Depois da publicação da obra *Machado de Assis Desconhecido*, a Editora Jackson não mais reeditou a obra completa de Machado.

Coube, posteriormente, à Editora José Aguilar reeditá-la em três volumes cuja 1.^a edição se deu em 1959; a 2.^a, em 1962.

No prefácio do 1.^o vol., o editor da Aguilar declara que ficaram de fora, na presente edição, apenas uma parte dos Contos, das Crônicas e do Teatro, e algumas páginas de crítica.

Note-se que a Editora Aguilar não publica as crônicas entre 1859 e 1867, período em que foram escritas aquelas assinadas *Dr. Semana*.

A essas *crônicas*, citadas por Raimundo Magalhães Júnior, acrescento outras que, acredito, não pertencem a Machado de Assis, pelo estudo que fiz na observação do léxico e do estilo. São da mesma época, o pseudônimo é o mesmo e o estilo em nada condiz com estilo do grande escritor.

Bernadices (de 14/2/1864)

Nesta crônica, o Dr. Semana defende o jornal contra pessoas que teriam visto no número anterior um ataque à empresa dos bailes mascarados do Teatro Lírico. Ao fazê-lo, usa de duas expressões imagísticas dignas do preciosismo das cortes francesas mas indianas do estilo de Machado de Assis.

Ei-las:

“Nunca pretendi, não pretendo e não hei de pretender arrematar os bailes do Teatro Lírico. Não apareçam, portanto, *apoplexias do medo*.”

E mais adiante:

“Estou superior a todas essas *intriquinhas*, mas não desejo que amigos meus se possam ofender, acreditando que sou capaz de *molestar o menor mosquito*, por inveja, ciúme, vingança... ou não sei o quê.” (Vol. 1.^o, pág. 246,7)

Há de se convir que as expressões em destaque são de mau gosto, destoam do estilo apurado de Machado de Assis que, admito, jamais lançaria mão de imagens tão inexpressivas. A palavra “intriguinhas”, por exemplo, é própria em desavenças proferidas no registro vulgar. A expressão “apoplexias do medo” é hiperbólica e inadequada ao assunto tratado.

Na crônica *Sarau Literário*, de 10/4/1864, o Dr. Semana abusa do termo *moleque*. Narra o encontro de políticos, literatos e comerciantes nos salões do Clube Fluminense, onde, em meia página, emprega cinco vezes o termo *moleque*, sem deixar de usar, também, a palavra *crioulo*, costume inusitado na obra de Machado.

Eis a passagem:

“O *moleque* da Semana é doido por estas festinhas. Guloso como um verdadeiro *moleque*... Fez-me uma revelação que não deixarei de comunicá-la, mesmo porque não guardo segredos do *moleque*.”

“O *moleque* é um tando desembaraçado, e fala de nossos *patrícios* como se fossem *crioulos*. E, apesar de não esperar do meu *moleque* senão alguma boa *molecagem*, confesso que me pareceu a sua reflexão uma boa idéia.” (Vol. 1.º, pág. 256)

Além dos termos *moleque* e *crioulo*, atente-se para o uso, mais uma vez, de *patrícios*, mais corrente no registro lusitano.

Em *Calendas de Abril*, de 17/4/1864, Dr. Semana escreve uma carta ao Imperador da China. Observemos alguns trechos.

“Celestial Senhor – Pretendia escrever a Vossa Obesidade na linguagem de Confúcio, visto como sou *poliglota* superior a Pico de la Mirandola.

“...espero ver arfar pela baía de Niterói uma invencível armada de juncos comandada pelo mais hábil Néelson de V. O. para restituir aos lares celestiais os mandarins degenerados e obrigá-los assim a voltar às *delícias da canga e do empalamento*.” (Vol. 1.º, pág. 259)

Não é próprio de Machado o auto-elogio, muito menos vangloriar-se de superioridade a outrem.

O segundo parágrafo, digno de um sádico, jamais seria assinado pelo autor de Dom Casmurro.

O autor chama de “delícias” a canga e o empalamento. Possivelmente para quem os visse! Não é demais lembrar que a ganga consistia em prender, com uma peça de madeira, o pescoço dos bois e dos escravos. O empalamento era um suplício: pregava-se o escravo numa estaca pontiaguda pelo ânus até morrer.

Tais descrições não fazem parte da imagística de Machado de Assis.

E mais adiante, outro trecho da carta:

“Não deixeis, grande Chaça, apodrecer nos cortiços do Rio de Janeiro os vossos deserdados fidalgos. *Cangaios* de novo, *ínclito*, *egrégio* e *magnânimo* corifeu dos salamalecos.”

Dr. Semana, não satisfeito pela sugestão anterior, reforça o pedido: *cangai-os*. Observe-se, também, o exagero no uso dos três adjetivos. Machado sabe empregá-los com mestria; em semelhante passagem não os usaria nem como antífrase.

As crônicas da Seção *Badaladas* de *Semana Ilustrada*, escritas entre o início da seção, em 20/6/1869, e o seu término, em 19/3/1876, não constam da Edição Aguilar por serem de duvidosa autoria. A Aguilar só publicou as crônicas escritas a partir de 1.º/7/1876 no vol III. As anteriores a esta data não devem pertencer a Machado de Assis, pois muitas passagens não são condicentes com o seu estilo.

Atentemos para os seguintes trechos de algumas crônicas daquele período.

Em crônica de 03/11/1872, Dr. Semana apresenta uma pseudoetimologia da palavra *medicina* que, dificilmente, seria assinada por Machado de Assis. Não que Machado fosse etimólogo, ou tivesse obrigação de sê-lo, mas, à falta de autenticidade na origem do termo, não se valeria de uma lenda, ou historieta ridícula, como a que transcrevemos.

– “Mas o leitor está achando isto muito grave, e pergunta-me naturalmente, ao ler a palavra *Medicina*, se eu conheço a sua etimologia.

Por que não ?

A etimologia de *medicina* é como acontece com outras palavras, uma lenda.

Conta-se que, no tempo do rei Numa, o corpo médico era composto unicamente de coveiros, regidos por um coveiro-mor, chamado *Cina*, avô, dizem, da tragédia de Corneille. Adoecia um romano (eterno romano!) iam os coveiros à casa do do ente medir-lhe o corpo para abrir a sepultura.

– Mediste, Caio? perguntava o chefe.

– Medi, Cina, respondia o coveiro oficial.

Daí, etc.” (Vol. 3.º, pág. 47)

Alguém atribuiria tal explicação a Machado de Assis?

Em outra crônica, de 20/10/1872, lê-se o seguinte diálogo.

“Conversavam X e Z a propósito da festa da Penha.

Z perguntou donde vinha o uso da *romaria*.

O interrogado ia justamente perguntar a mesma coisa.

Mas não hesitou em responder.

– É um uso romano. A austera república tinha esses dias de festa, semelhantes às férias latinas, e era então que todo o povo dava largas ao prazer. Pode-se dizer que nessas ocasiões *Romaria*.” Sem comentários! (Ibidem, pág. 40)

É de grande importância para elucidação dos pseudotextos machadianos a explicação que nos dá J. Galante de Sousa, conhecido por sua probidade nas edições de textos.

Na bibliografia de Machado de Assis, publicada pelo Instituto Nacional do Livro, 1955, Galante de Sousa esclarece que o pseudônimo Dr. Semana foi usado por vários colaboradores, como: Pedro Luís, Varejão, Félix Martins, Quintino Bocaiúva e muitos outros, conforme afirmação de Lúcia Miguel Pereira. Outra observação da grande biógrafa de Machado, lembrada por Galante de Sousa, é que, na coleção da referida revista, *Semana Ilustrada*, existente no Instituto Histórico, as crônicas de Machado traziam, anotadas a lápis por Henrique Fleiuss, as iniciais do autor. Ao conferir tais crônicas, Galante de Sousa constata apenas três anotadas: a de n.º 471 (de 19/12/1869) em prosa, a de n.º 488 (de 17/4/1870), em verso, e a de n.º 598 (de 26/5/1872), em verso e em francês.

Por esse motivo, Galante de Sousa, mantendo a dúvida sobre o autor das crônicas da Seção *Badaladas*, de *Semana Ilustrada*, só registra o início da seção, (1869) e o seu término, (1876), justificando seu procedimento:

“Não julgamos prudente, porém, atribuir a Machado de Assis autoria desta ou daquela crônica, sem um exame sério e metucioso do estilo, deixando aos mais argutos o prazer de resolver o problema.”

Galante não as incluí, portanto, no índice Cronológico das obras de Machado de Assis por serem de autoria duvidosa, o que, também, acertadamente, fez a Editora Aguilar. Tais crônicas constam, apenas, da edição da Jackson, no vol. n.º 3.

Eis um problema filológico para a Crítica Textual, de magno interesse, que apresenta um agradável desafio para os especialistas no assunto, responsáveis que são pela última palavra.

Aguardamos novas pesquisas para o levantamento dos textos definitivos das crônicas de Machado de Assis.

Aquelas aqui exemplificadas podem ser crônicas machadianas, porém jamais crônicas de Machado de Assis.

Bibliografia

- COSERIU, E. *Teoría Del Lenquaje Y Lingüística General*, segunda edición, Madrid, Editorial Gredos, 1969.
- GALANTE DE SOUSA, J. *Bibliografia de Machado de Assis*, Rio, Instituto Nacional do Livro, 1955.
- MACHADODE ASSIS, J.M. *Obras Completas – Crônicas*, vol. 1 e 3, Rio, W. M. Jackson Inc.
- REINACH, Salomon. *Manuel de Philologie Classique*, deuxième édition, Paris, Librairie Hachette et Cie., 1907.
- SILVA, Maximiano de Carvalho e. *Crítica Textual – Conceito – Objeto – Finalidade*, artigo in *Confluência*, n.º 7, 1994.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à Ecdótica*, S. Paulo, Editora Cultrix, 1977.
